



TRAÇADOS DO COTIDIANO DE PEQUENOS SERTANEJOS NA AULA DE GEOGRAFIA EM UMA ESCOLA CAMPONESA NA BAHIA

Guilherme Matos de Oliveira
ggui995@gmail.com

Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Bahia (UESB). Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UESB.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5435-5139>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo elucidar a realização de uma prática pedagógica do ensino de Geografia em uma escola camponesa do interior da Bahia no ano de 2018, sendo que os pequenos estudantes camponeses que compunham a turma do 6º ano dessa instituição produziram, na aula da disciplina, desenhos do espaço sertanejo local partindo de suas casas à escola em que estudavam, no intento de refletirem os conteúdos que estavam sendo trabalhados em classe: orientação e localização na produção do espaço agrário. Sendo assim, nos propomos a tecer análises sobre o ensino de Geografia na luta por uma educação do campo ao descrevermos a prática em questão. Entendemos que mesmo sendo uma ação simples desenvolvida em sala de aula, na qual os estudantes camponeses traçaram o cotidiano sertanejo que vivem por meio de ilustrações, a mesma tornou-se significativa a eles na compreensão das transformações que se estabelecem no campo de forma contextualizada, ao estudarem o espaço em que se encontram inseridos tanto naquele momento quanto durante o ano letivo. Diante dessa realidade, é preciso que lutemos em defesa de uma Geografia escolar do campo, pautada pela emancipação humana dos sujeitos sociais camponeses nos seus territórios de vida e de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Camponeses, Educação do Campo, Ensino de Geografia.

TRACES OF EVERYDAY OF SMALLS BACKCOUNTRY IN THE GEOGRAPHY CLASS AT A PEASANT SCHOOL IN BAHIA

ABSTRACT

This article aims to elucidate the realization of a pedagogical practice of teaching Geography in a peasant school in the interior of Bahia in the year 2018, being that the small peasant students who made up the 6th grade class at this institution produced, in the discipline class, drawings of the local backcountry space starting from their homes to the school where they studied, in an attempt to reflect the contents that were being worked on in class: orientation and location in the production of the agrarian space. Thus, we propose to analyze about the teaching of Geography in the struggle for field education by describing the practice in question. We understand that same being a simple action developed in the classroom, in which the peasant students traced the daily life in the backcountry that they live through illustrations, the same became significant to them in understanding the transformations that are established in the field in a contextualized, when studying the space in which they are inserted, so much at that moment how much during the school year. In view of this reality, it is necessary that we fight in defense of a school geography in the field, ruled for the human emancipation of social subjects peasant in their territories of life and of work.

KEYWORDS

Peasants, Field education, Teaching Geography.

Introdução

Entender a escola e seus sujeitos no contexto em que estão presentes tem sido fundamental para o amadurecimento das reflexões sobre o ensino de Geografia, ao tempo em que esta perspectiva reconfigura as práticas escolares, em vista de que o espaço geográfico seja compreendido na sua totalidade mediante as singularidades da realidade concreta.

Desse modo, este artigo tem o objetivo de evidenciar uma prática pedagógica do ensino de Geografia em uma escola camponesa no sertão do interior da Bahia, por meio da produção de desenhos traçados por pequenos sertanejos sobre os processos que vivenciam enquanto estudantes do/no espaço agrário, desde a casa de cada um até a escola, a medida em que analisamos como o ensino de Geografia, sistematizado de forma contextualizada, vem repercutindo na aprendizagem dos estudantes que vivem no campo, uma vez que ao apreendê-lo, entendem com mais facilidade os conteúdos da disciplina e tem a possibilidade de avançarem nos seus estudos.

Para tanto, na composição deste texto esboçamos, num primeiro momento, uma análise sobre as confluências entre o ensino de Geografia e a educação do campo,

contando com a colaboração teórica de Caldart (2012), Louzada e Dias (2012), Teixeira (2016), entre outros autores; e posteriormente descrevemos/refletimos sobre uma aula de Geografia que realizamos na educação do campo, ao passo que evidenciamos como ela foi relevante para o avanço dos estudantes camponeses no entendimento sobre os processos sociais que acontecem nos seus espaços, e os aproximou nos estudos da disciplina pelas ilustrações que os mesmos produziram sobre a realidade que vivem.

Pensar o ensino de Geografia na luta por uma Educação do Campo

Ao se pensar a Geografia no contexto do ensino, é preciso levar em consideração as diferentes realidades educacionais em que ela se insere na constituição dos processos de ensino e aprendizagem, sendo que no contexto da educação do campo esta perspectiva torna-se central ao possibilitar o avanço reflexivo das constantes transformações na relação sociedade-natureza que se materializam no espaço do campo, situadas no bojo da questão agrária brasileira, e que são advindas do cotidiano da vida e do trabalho social desenvolvido em suas trincheiras, sem contudo perder a dimensão do movimento local-global na compreensão da unidade/particularidades da produção do espaço geográfico na atualidade.

Historicamente, no Brasil, vários foram os enfrentamentos aos modelos que se direcionavam às chamadas escolas rurais na busca por uma educação que contemplasse as práticas sociais expressas no campo, visto que, conforme Louzada e Dias (2012), antes da implementação da LDB e das Diretrizes para a Educação Básica do Campo, os professores de Geografia se deparavam com entraves no trabalho a ser desenvolvido na escola camponesa, uma vez que os conteúdos eram direcionados à alunos da cidade, fazendo com que seus estudantes possuíssem muitas dificuldades na apreensão destes conteúdos, justamente por estarem envolvidos às particularidades da realidade urbana.

Para Fernandes e Molina (2004) este processo desencadeou no que os autores consideram enquanto Paradigmas da Educação do Campo, posto que a educação rural, que vinha se arrastando com o passar do tempo, era necessária à expansão da lógica urbana industrial por meio da modernização agrícola, na revolução verde, e pelo agronegócio, expressão materializada do avanço do sistema capitalista mundializado; e a educação do campo, que ao levar em consideração a produção do campesinato, precisava estar vinculada a um projeto pedagógico que o contemplasse, na contramão da expansão do capital nos seus territórios.

Assim, enquanto reivindicação dos movimentos sociais do campo brasileiro, dentre eles o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT); o projeto nacional Por uma Educação do Campo, segundo Caldart (2012) perpassa tanto pelo entendimento do modo de vida social do campo, pelo caráter emancipatório do seu modelo educacional, e pelas implementações de políticas públicas voltadas às suas demandas, dentre elas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) n. 9394/96; e mais especificamente as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002), apontando que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país. (BRASIL, art. 2º, parág. único CNE/CEB, 2002).

Levando em conta essa premissa que o projeto foi sistematizado nas mais diversas realidades camponesas, sendo o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) um grande expoente na efetivação dos propósitos almejados para a educação do campo, posto que o mesmo se materializou em comunidades indígenas, quilombolas, de fundo e fecho de pasto, de ribeirinhos, de sem-terra, dentre outras, em vista da promoção de uma educação que aliançasse os conteúdos expressos nas disciplinas trabalhadas em sala de aula às singularidades e manutenção dos modos de vida e de trabalho socialmente produzido nestas comunidades. Dessa maneira:

A Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. (CALDART, 2012, p. 259).

No que se refere ao ensino de Geografia na educação do campo, é preciso que demarquemos a efetivação de uma proposta educacional desta disciplina que se aproxime aos processos sociais dos mais variados recantos do campo brasileiro, sendo a atuação docente salutar para a articulação entre a teoria e a prática na mediação dos seus conteúdos.

Todavia, mesmo diante dos anseios na construção de um ensino de Geografia que venha a atender as demandas dos estudantes camponeses, várias também são as dificuldades históricas na implementação da sua proposta em contextos sociais e

políticos tanto locais quanto nacionais, e principalmente na atualidade, seja tanto nos aspectos curriculares quanto estruturais.

Nos aspectos curriculares os problemas vão se expressando na formação inicial e continuada dos professores de Geografia que atuam nas escolas camponesas, na falta de livros didáticos da disciplina que levem em conta uma consistente abordagem da realidade agrária, bem como na ausência de outros recursos didáticos (mapas, maquetes, projetores, etc.), indispensáveis à mediação dos conteúdos geográficos na sala de aula camponesa. Os aspectos estruturais também tem sofrido impasses, seja na precariedade das condições físicas das escolas (falta de reformas e/ou ampliações, de adaptação aos diferentes públicos que nela se inserem, de recursos financeiros e materiais próprios, dentre outras privações), e nos constantes processos de fechamento/nucleação de escolas do campo, cabendo destacar que estes dilemas vão sendo ‘escamoteados’ da sociedade em geral.

Outros problemas que rondam a Geografia escolar do campo, e que os apreendemos diante da práxis escolar, giram em torno do que é determinado ensinar na sala de aula por currículos advindos de políticas nacionais recentes, a exemplo da BNCC, que contemplam a condição camponesa de forma fragmentada, uma vez que diante do afastamento da sua proposta educacional, tem-se ocasionado muito mais a reprodução de uma educação de ‘fora’ do que local, e que muitas vezes vem apontando o campo enquanto espaço do “atraso” e a cidade enquanto espaço da “modernidade”, contradição esta que volta a expressar o modelo aplicado na escola rural, que na sua essência promove a naturalização/imposição do sistema capitalista nos territórios camponeses. Nesse sentido:

Acredita-se que, enquanto não houver a superação entre os papéis, geralmente desempenhados antagonicamente no imaginário da sociedade pelo meio rural e o meio urbano é sim necessária intervenção. Intervenção, que neste caso seria realizada na escola, ou mesmo nos conteúdos de Geografia, já que estes são considerados agentes de formação e de transformação social e de quebra dos preconceitos existentes e resistentes no espaço em que estes atuam. (CRUZ e AZEVEDO, 2019, p. 125-126).

Cordeiro (2009) coaduna a este pensamento quanto pontua que a Geografia não deve, seja no chão acadêmico ou da escola básica, negar, omitir ou negligenciar o espaço geográfico dos movimentos sociais que emergem da realidade agrária e que, em conjunto com os seus povos em geral, congregam suas forças para a consolidação de uma educação do campo que prescindia de uma Geografia escolar comprometida com as lutas camponesas.

Dessa maneira, ao nos situarmos no debate sobre a educação do campo, torna-se imprescindível compreender as resistências sociais que tem sido traçadas ao longo do tempo nos seus espaços enquanto alternativas às nuances que, ainda hoje, se implicam neles – seja nas questões estruturais ou curriculares anteriormente apontadas e que vão de encontro à sociabilidade camponesa – posto que diante desta situação é preciso pensar e agir em defesa de uma Geografia escolar do campo “[...] comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. E contribua para a sua transformação.” (OLIVEIRA, 1994, p. 143).

Nesse propósito, buscamos evidenciar uma dentre inúmeras práticas pedagógicas que têm sido construídas no ensino de Geografia, mesmo que sejam ações simples como o ato de desenhar (SANTOS e OLIVEIRA, 2016, p. 147), e de como elas são relevantes na composição dos processos de ensino e aprendizagem consonantes às especificidades da produção social dos camponeses nos seus territórios de vida e de trabalho, sendo que a reflexão das ações que propomos enquanto docentes e que são desenvolvidas em sala de aula também contribuem no aperfeiçoamento da nossa prática, na busca por estratégias que aproximem o conteúdo à realidade.

Estudantes do campo baiano ‘traçando’ no papel o cotidiano sertanejo que vivem

A experiência que vivenciamos e relatamos a seguir vislumbra uma de nossas atividades de docência, desenvolvidas no ano de 2018 no ensino de Geografia de uma turma do 6º ano pertencente a uma escola do campo no semiárido baiano¹. Cabe ressaltar que embora essa experiência tenha sido realizada em uma aula no segundo mês do período letivo, nas aulas anteriores fizemos sondagens dos conhecimentos que os alunos possuíam da disciplina, para que o nosso planejamento pedagógico fosse construído diante das demandas da classe.

Ao se pensar na viabilização do conteúdo proposto na aula, foram elaboradas várias estratégias para que o mesmo pudesse atingir os nossos alunos de uma forma clara e objetiva, mesmo diante dos recursos escassos que a escola possuía naquele momento

¹ Situada na Comunidade do Capinado, distante aproximadamente 45 km da cidade de Anagé-BA, instituição esta que funciona como extensão escolar do Centro Educacional Renato Viana (CERV), cuja sede está localizada na zona urbana do município. Seus estudantes são oriundos de diversas comunidades camponesas do entorno da escola, e muitos deles vivem em condições sociais de pobreza – ainda que contemplados com importantes benefícios obtidos pelo campo semiárido local, como no acesso à água por meio da construção de cisternas. Mesmo que passem por inúmeras dificuldades na reprodução da vida, estes estudantes encontram na escola camponesa a possibilidade de se emanciparem socialmente.

(sendo ainda uma triste realidade presente tanto nas escolas urbanas e principalmente naquelas situadas no campo), e que limitam a realização de atividades didáticas mais elaboradas para a mediação das aulas que ministramos. Mas se fez/faz necessário resistirmos diante das dificuldades, na compreensão de que:

[...] a Geografia se constitui em componente curricular valioso para a Educação do Campo. Através de seus conceitos, poderemos promover nos alunos do campo uma reflexão acerca da importância do seu espaço em relação ao mundo. (TEIXEIRA, 2016, p. 115).

Dessa forma, partimos da inquietação trazida no questionamento do livro didático da turma: “Tendo como ponto de referência a escola em que você estuda, a sua casa localiza-se em qual direção?” (ADAS e ADAS, 2015, p. 26), sendo que a pergunta foi norteadora na tecedura da proposta que utilizamos para a execução da aula, tendo como necessidade levar em consideração, como nos ensina Simielli (2013, p. 108) os conhecimentos cartográficos na facilitação da relação ensino e aprendizagem, no ensino de Geografia, sobre as noções de orientação e localização espacial, e relacioná-los com a produção do espaço camponês, fomentando desse modo a leitura espacial dos seus estudantes sobre o chão sertanejo em que vivem/produzem, e que pudesse ser expressada por meio de desenhos feitos por eles próprios.

Proposta da aula:

Tema: Situando/conhecendo nosso ‘chão’ no percurso de casa à escola.

Série: 6º ano do Ensino Fundamental.

Conteúdo: Orientação e localização espacial na produção do espaço agrário.

Objetivo: Compreender as noções de orientação e localização espacial, no caminho de casa à escola, e relacioná-las com a produção do espaço agrário nas especificidades do campo local na confecção de desenhos no caderno.

Recursos utilizados: mapas, globo terrestre, bússola, livro didático de Geografia, caderno, lápis, borracha, apontador, lápis de cor.

Passos metodológicos:

1º: Comunicar a proposta da aula aos alunos e evidenciar como ela seria desenvolvida;

2º: Fazer uma breve explanação sobre as noções de orientação espacial (pontos cardeais, colaterais e subcolaterais) para que os alunos compreendam a necessidade da referência para se localizarem no espaço geográfico;

3º: Apresentar aos alunos algumas ferramentas que auxiliam em nossa localização no espaço geográfico (mapas, globo terrestre, bússola, rosa dos ventos);

4º: Pedir aos alunos que se organizem para a confecção de um desenho, nos seus cadernos, do percurso que fazem de casa à escola;

5º: Promover a socialização dos desenhos produzidos em grupos de 4 pessoas, para que os alunos descrevam aos colegas como é produzido o espaço local, diante do que vivenciam no cotidiano e que expressaram em seus desenhos.

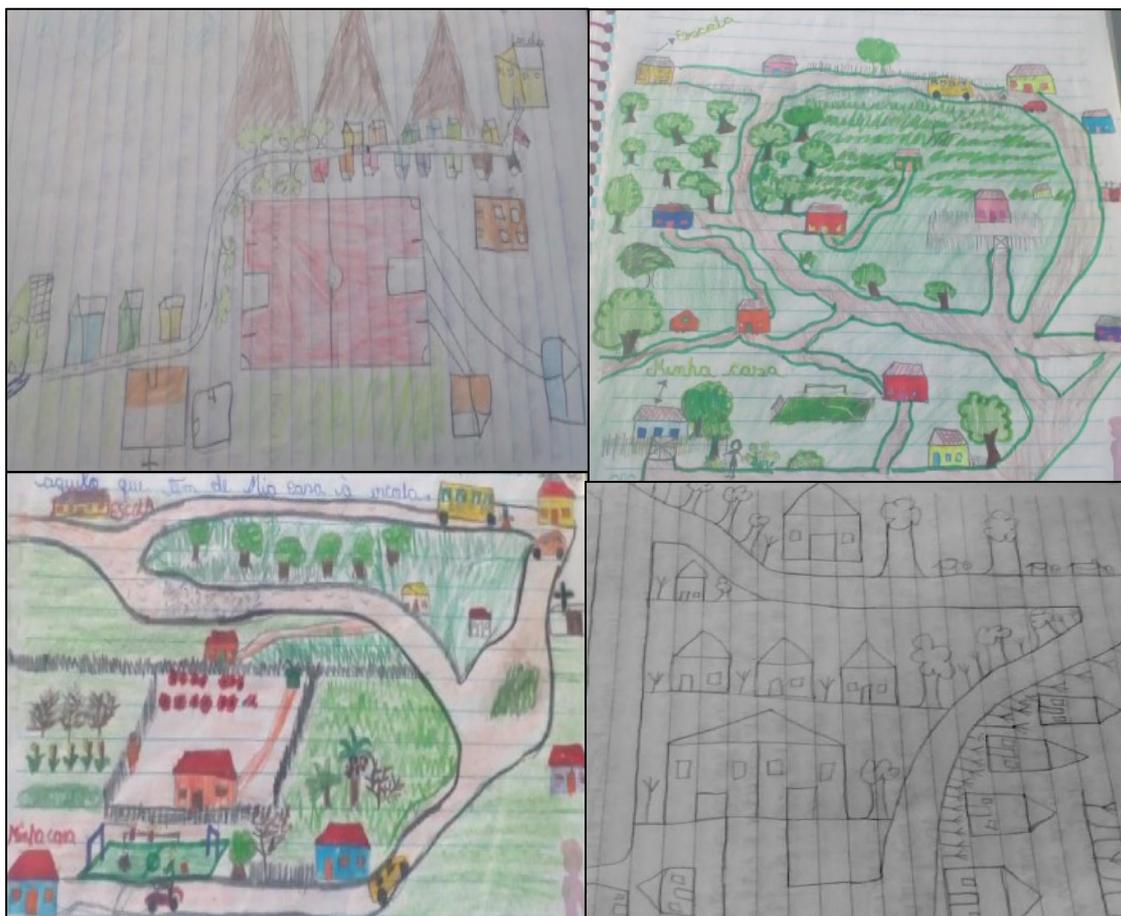
6º: Situar para os alunos a importância de diferentes mecanismos (textuais, visuais, táteis) que ajudam na leitura espacial dos fenômenos que são produzidos na mediação entre a natureza física e social, e que as vezes nos passam despercebidos na vida cotidiana.

Direcionamentos da aula:

Ao apresentarmos a proposta da aula, os alunos da turma se proporem a colaborar com o seu desenvolvimento, sendo que ela foi executada conforme o planejado. Explicamos sobre a necessidade da orientação espacial e de suas noções para que os sujeitos sociais possam se situar no espaço que produzem, a medida em que divulgamos recursos (mapas, globo) que contribuem na compreensão da localização enquanto indispensável na leitura sobre o espaço geográfico.

Posteriormente a este momento, seguimos a aula pedindo aos alunos que produzissem desenhos dos percursos que fazem de casa à escola (Figura 1), e pedindo a eles que possam inserir nas ilustrações o máximo de informações possíveis, anunciando que elas seriam úteis não somente para aquela aula, mas para outras com conteúdos próprios que seriam trabalhados ao longo do ano na disciplina.

Figura 1: Mosaico com os desenhos produzidos pelos alunos



Fonte: Acervo do autor, 2018.

Após a confecção da atividade proposta, os alunos dialogaram em grupo sobre os desenhos que tinham produzido, ao passo que um colega destacava o que tinha percebido na ilustração do colega, posto que para a divisão dos grupos foi levado em consideração os estudantes que moravam próximo um do outro, pois na mesma turma existiam alunos de diferentes comunidades.

Os alunos, ao dialogarem entre si, evidenciaram algumas características naturais, sociais, culturais, dentre outras representadas nos desenhos, que configuram o dia-a-dia agrário das localidades onde eles moram e que estão ao redor da escola:

*“Olha só, parece bem a horta da sua casa... Dá até fome!”
“Tô vendo o predin da Igreja no seu desenho!”
“Ali a gente joga bola, e se chover, vamo cheio de lama pra casa, kkkkkk.”*

Identificamos ainda, na conversa de dois estudantes, os dilemas que passam os sujeitos sociais sertanejos, mais especificamente daqueles que moram nas áreas do semiárido brasileiro, envoltos às contradições da crise societal que afeta tanto a cidade quanto o campo:

“O desenho ficou meio cinzento, mas é pra mostrar que na época da seca a água faz falta. Usamos a que temos em casa sem saber como será amanhã, pois não temos como pagar sempre por ela...”
“Não pintei meu desenho pois a vida tá muito cruel... Eu e minha família vive na pobreza... não desejo ela pra ninguém.”

Diante dos diálogos realizados pelos estudantes camponeses desta turma, torna-se plausível considerar que:

O ensino da ciência geográfica, assim como as demais disciplinas, tem sua devida importância no meio comunitário dos jovens que discutem as relações com o semiárido, o uso da terra, as definições de lugares, de paisagens e de territórios. Todos os pontos considerados importantes para o conhecimento local, pois essa ciência propicia aos estudantes a compreensão mais abrangente do espaço geográfico. (SOUSA e OLIVEIRA, 2017, p. 90).

Ao finalizarmos a aula, reiteramos como os diversos recursos didáticos, sejam eles de papel, digital, ou contidos na própria terra camponesa possibilitam a reflexão de como o espaço local se modifica todos os dias, e de como estamos inseridos nesse processo de relações entre a natureza física e humana no mundo, que as vezes nem as enxergamos como importantes ao pensarmos que elas acontecem deslocadas de nossas ações rotineiras.

Considerações finais

Mesmo que a atividade relatada seja mais uma dentre tantas que se apresentam enquanto uma prática pedagógica desenvolvida na escola, observamos por meio da nossa ação docente no ensino de Geografia da educação do campo que ela alçou novos objetivos e possibilitou o avanço de um conteúdo, nesse caso a orientação espacial, que veio a ser desdobrado para a produção do espaço agrário; ao tempo em que destacamos o engajamento dos pequenos estudantes camponeses da turma na atividade proposta, ao traçarem com lápis e papel seus percursos sertanejos e partilharem como produzem o seu cotidiano, fazendo-nos pensar que o processo de ensino e aprendizagem foi contemplado de forma significativa.

Ressalta-se que esta aula veio a contribuir com as demais realizadas durante o ano letivo, visto que pedíamos aos alunos que retomassem os desenhos que produziram e identificassem neles os conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala de aula, como clima, relevo, solo, vegetação, abordando-os com questionamentos (Quais os períodos mais chuvosos e menos chuvosos nas comunidades onde vocês residem? Para onde se direcionam os recursos hídricos locais: higiene, cozinha, lavoura, criação de animais? Em que tipo de solo sua família tem plantado?) dentre outros exemplos, proporcionando com que os assuntos estudados fossem sistematizados e aprofundados.

Partindo dessa realidade, é preciso que diante das investidas perversas de esgotamento das possibilidades da reprodução social dos camponeses, batalhemos incessantemente para que a educação seja uma via de emancipação humana destes sujeitos no enfrentamento às adversidades do sistema capitalista nos seus territórios, visto que o ensino de Geografia camponês tem muito a contribuir nesse sentido ao desvendar os processos conflituais da atualidade expressos espacialmente, para que os sujeitos do campo venham a resistir à estas situações nas trincheiras da luta pela garantia dos seus modos de vida e trabalho social.

Referências Bibliográficas

- ADAS, Melhem; ADAS, Sérgio. **Expedições Geográficas (6º ano)**. São Paulo: Moderna, 2015.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo**. Brasília: MEC/SECAD, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et al. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- CORDEIRO, Tássia Gabriele Balbi de Figueiredo e. Ensino de Geografia, Educação Rural e Educação do Campo: Modernidade, subalternidade e resistência. **Tamoios**, v. 5, p. 14-37, 2009.
- CRUZ, Abigail Bruna da; AZEVEDO, Sandra de Castro de. Geografia escolar e escola no campo: investigações sobre a educação geográfica numa escola rural com currículo urbano. **Revista NERA**, v. 22, n. 46, p. 133-155, jan.-abr. 2019.
- FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O Campo da Educação do Campo. In: MOLINA, M. C.; JESUS, S. M. S. A. de. **Educação do Campo**. Brasília: Ed. UnB, 2004.
- LOUZADA, Angélica Rodrigues; DIAS, Liz Cristiane. Educação do Campo e o Ensino de Geografia. In: **Anais do I Seminário Internacional e I Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e cidade em busca de caminhos comuns**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2012. v. 01. p. 1-11.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. Educação e Ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** São Paulo: Contexto, 1994. p. 135-144.

SANTOS, Ruzicleide de Oliveira; OLIVEIRA, Simone Santos de. Desenho: o potencial de uma linguagem para o ensino de Geografia na educação básica. In: PORTUGAL, J. F. et al. **Geografia na sala de aula: linguagens, conceitos e temas.** Curitiba: CRV, 2016.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. **A Geografia na sala de aula.** 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUSA, Antônia Sandra Honória de; OLIVEIRA, Alexandra Maria de. O saber geográfico e a educação do campo na construção do conhecimento dos jovens camponeses. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 19, n. 2, p. 80-91, Dez. 2017.

TEIXEIRA, Christiano Corrêa. **A Geografia na Educação do Campo: possíveis contribuições.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

Recebido em 11 de fevereiro de 2020.

Aceito para publicação em 23 de setembro de 2020.